

SILVEIRA, Maria Laura; SANTOS, Milton, et al. **O papel ativo da Geografia: um manifesto**. Estudos Territoriais Brasileiros – Laboplán. Departamento de Geografia. FFLCH-USP. XII Encontro Nacional de Geógrafos. Florianópolis, 2000 (mimeo).

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O Território: Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, Iná Elias de (org.) et alii. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. pp. 77-116.

THOMAZ JUNIOR, Antônio. **Desenho societal dos sem terra no Brasil** (Uma contribuição à "leitura" geográfica do trabalho). In: **Revista Pegada Eletrônica**. Unesp / Presidente Prudente, v.2, n.2, out/2001. [ISSN: 1676-3025]. <http://www2.prudente.unesp.br/ceget/vinculos/jinkpeg2.htm>

_____. Por uma Geografia do Trabalho. In: **Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, v. VI, n.119 (5). 2002. [ISSN: 1138-9788] <http://www.ub.es/geocinf/sn/sn119-5.htm>

Notas:

¹ No seminário de doutorado intitulado "Redes e Territórios", realizado no dia 22/10/2002, a Profª Célia Christina Dias chamou a atenção insistentemente para este aspecto.

² Tomando o sentido da relação homem-encontro há uma espécie de "confronto" entre grupos, que se mantêm sem o intermédio monetário, e o capital, que visa o controle socio-territorial.

³ Desenvolvimento das forças produtivas não significa apenas desenvolvimento tecnológico, mas sim, um novo deslanço social. Thomaz, Jr. (16/09/2002 – notas de aula)

⁴ Segundo Moreira (1998, p.16), "cada tempo da história é marcado por um período técnico ao qual corresponde um período de formas de organização e gestão do trabalho".

⁵ Para deixar clara nossa posição, estamos de acordo que a partir da década de 1970, o capitalismo passou por uma profunda Reestruturação Produtiva. Concordamos também com a tese da "acumulação flexível" de David Harvey (2001).

Recebido para publicação em 31 de maio de 2004.

132

O PAPEL DO EMPIRISMO E DA ESTÉTICA NA EDIFICAÇÃO DA OBRA HUMBOLDTIANA*

William Ribeiro da SILVA**

Resumo: Na busca de um resgate da construção do pensamento geográfico, temos como objetivos do presente texto, o desenvolvimento de uma discussão sobre o papel do empirismo e da estética na edificação da obra Humboldtiana, que parte de sua formação, considerada eclética, do contexto político do período de unificação da Alemanha e da expansão dos Estados Nacionais. Assim, mostra uma singularidade a partir do ecletismo, fundindo o aparato técnico de caráter empírico à reflexão filosófica da estética, relacionada aos traços românticos. Registra os interesses do surgimento de uma ciência que contribua com a consolidação do modo capitalista de produção, que garanta uma apreensão sensível de aspectos relacionados à natureza e sua dominação pelo homem, de modo que esta passa a ser desvendada de acordo com os projetos político-territoriais de uma aristocracia que se reveste no corpo de um Estado Nacional e faz emergir questões relacionadas ao nacionalismo e às estratégias de dominação territorial.

Palavras-chave: Geografia; Humboldt; empirismo; estética; Estado Nacional.

* Texto produzido como avaliação final do Seminário "Contribuições da Metafísica da Natureza para a Ciência Geográfica", ministrado pelo Prof. Dr. Antônio Carlos Vize, sendo parte integrante da disciplina "Seminários de Doutorado" do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente-SP, no ano de 2003.

** Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da PCTV/UNESP, campus de Presidente Prudente. Membro do GASPERR Bolsista da CAPES. E-mail: williamribeiro@hotmail.com

133

Resumen: Con el propósito de recuperar la construcción del pensamiento geográfico, nuestro objetivo con el presente texto consiste en desarrollar una discusión sobre el papel del empirismo y de la estética en la edificación de la *Obra Humboldtiana*, partiendo de su formación, considerada ecléctica, del contexto político del período de Unificación de Alemania y de la expansión de los Estados Nacionales. De esta forma, muestra su singularidad a partir del eclecticismo, fundiendo el aparato técnico de carácter empírico a la reflexión filosófica de la estética, relacionada a rasgos románticos. Registra, también, los intereses del surgimiento de una ciencia que contribuya con la consolidación del modo capitalista de producción, que garantice una aprehensión sensible de aspectos relacionados a la naturaleza y su dominación por el hombre, de modo que esta *pasa a ser desvelada* de acuerdo con los proyectos político-territoriales de una aristocracia que se consolida en el cuerpo de un Estado Nacional y revela cuestiones relacionadas al nacionalismo y a las estrategias de dominación territorial.

Palabras-clave: Geografía, Humboldt, empirismo, estética, Estado Nacional.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto tem por finalidade apresentar uma discussão da constituição da obra de Alexander Von Humboldt no que diz respeito ao caráter de entrelaçamento do aparato empírico com o juízo da estética, considerando a construção de seu pensamento que julgamos ecléctica, devido ao momento de sua produção intelectual, aos diferentes lugares que fizeram parte de sua amadurecimento, as suas diversas convicções com pensadores de diferentes posicionamentos, as viagens e expedições científicas das quais participou e ao contexto político e social em que viveu e que estava inserido. Desta forma, pretendemos, neste texto, destacar os

134

principais pontos referentes ao posicionamento de Humboldt e quais os elementos que contribuíram para tal configuração.

Para tal, iremos considerar as reflexões realizadas a partir de obras kantianas, como a *Crítica da Razão Pura* e a *Crítica da Faculdade do Juízo*, como sendo formadoras de um pensamento que será re-trabalhado e desenvolvido por outros pensadores, que, devido ao caráter a que se destina o presente texto, ou seja, avaliação disciplinar, não iremos nos debruçar de leituras diretas dos mesmos, o que demandaria de uma atenção mais específica e de mais tempo para construção do raciocínio monográfico. Iremos, pois, concentrar nossa reflexão a partir de trabalhos de pesquisadores contemporâneos que discutem a história do pensamento geográfico e que, portanto, dispõem de análises mais precisas e verticais do objeto em questão.

Com isso, temos como limitação deste texto, o fato de não se tratar de uma análise direta das obras e dos autores mencionados, mas sim, de reflexões secundárias dos mesmos, mas que, no entanto, consideramos que possibilitam a oportunidade de discutir, em especial, o papel da estética e do empirismo enquanto bastiões da obra humboldtiana, fato que não encontramos, de forma direta, na bibliografia consultada, o que garante um certo caráter particular ao texto que ora produzimos.

2. PERÍODO DAS GRANDES EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS E MILITARES

O novo contexto de criação dos impérios coloniais garantiu o interesse do conhecimento de novas terras que garantiriam à *Época Moderna*, um alargar do ecumeno conhecido, atendendo às novas necessidades impostas pelo novo período técnico-científico que se inaugurava em virtude do nascimento das indústrias que tinham por urgência a busca de recursos naturais e econômicos que vieram a valorizar os estudos sobre os lugares.

135

Com isto, foram lançados, principalmente, com recursos dos Estados Nacionais Europeus, grandes expedições com o interesse de conhecer e dominar novas terras em diferentes continentes. Tais expedições rasgavam os oceanos em navegações que estendiam o horizonte de visão humana, alargando este novo e vasto ecúmeno às novas regras que eram impostas pelas novas esteras produtivas e comerciais (mercantilismo).

O mundo era bem mais vasto do que se acreditava na Idade Média – não mais era ele formado somente pela Ásia, África e Europa, continentes expressos nos mapas – e uma proliferação cada vez mais crescente de conhecimentos acerca de seus componentes foi surgindo e tanto o número de descrições locais como o de cosmografias foi crescendo, foi se tornando maior e estas, ao mesmo tempo, tornavam-se mais diferenciadas, desconhecidas de um método unificador. (BAUAB, 2001, p. 88)

Assim, o interesse no conhecimento dos lugares não se constituía somente por parte dos exploradores e cientistas, mas sim, de caráter prioritário para o poder político e econômico do Estado-Nação, pois os interesses hegemônicos deviam ser mantidos não somente pelo domínio dos povos subjulgados, mas também, no plano interno, em fazer entender que tais fatos serviriam, no plano das representações, de vantagens que seriam do interesse “incontestável” do coletivo.

Desta feita, temos que as sociedades geográficas passaram a fazer parte de tais expedições, sendo contratadas para estudos minuciosos que teriam como objetivos últimos, mesmo que não diretamente compartilhados entre os pesquisadores/exploradores, a conversão em interesses econômicos e políticos do poder hegemônico.

136

A multiplicidade das expedições científicas e militares traduzia a aventura dos tempos modernos. As associações científicas davam apoio às expedições, nos moldes da Associação Africana, fundada em Londres em 1788, com duplo objetivo: o de explorar a África, com a finalidade de descobrir e de revelar esse continente à cultura ocidental, e abrir novos domínios comerciais britânicos naquele continente. Até então, a África era praticamente desconhecida. (LENCIONI, 1999, p. 74)

Temos, então, que a Gênese da Geografia Moderna não se fez sem que houvesse por um lado um interesse em alargar os conhecimentos dos ecúmenos do mundo e de ouro o interesse em reverter os conhecimentos resultantes para a nova lógica econômica que se instalava, o que suscitava num processo de dessacralização e banalização da natureza, pois se retiravam da mesma, alguns aspectos que dificultariam sua melhor exploração.

Neste contexto, das grandes expedições, Humboldt¹, que havia deixado a Alemanha para se dedicar aos estudos, inicia uma aproximação com a possibilidade de conhecer e viajar pelo mundo; intenta participar de várias expedições, uma delas, para circundar o mundo, mas que não conseguiu participar por motivos de ordem de andamento da mesma por parte de Napoleão. Pouco tempo depois, tenta participar de uma expedição para o Egito, a qual também foi adiada por ordem de Napoleão. Foi quando conheceu o médico e botânico Aimé Bonpland, com o qual, parte para a Espanha e conseguem autorização e financiamento por parte do Rei Carlos IV para partirem para América Espanhola e realizarem estudos exploratórios, aonde chegam na Venezuela em 15 de julho de 1799. (MORAES, 1989)

Na América Espanhola, fez os mais variados estudos. Começou por descobrir a ligação verdadeira da bacia do Orinoco com a do

137

Amazonas, ligação esta dada pelo Rio Casiquiare; criou o termo *híltia* para designar a superabundância vegetal e a variedade de espécies da floresta pluvial tropical sempre úmida e clarificou também a diferença entre os rios de águas claras e de águas negras pela percepção de sua diferencialidade quíntico-biológica.

[...]
Em todas estas empreitadas, aqui citamos só algumas, Humboldt passou pela Venezuela, Equador, Peru, Colômbia, Cuba, México e Estados Unidos, além de outras localidades e no Brasil teve sua entrada proibida por ter sido considerado um espião espanhol a serviço da França por uma administração portuguesa arraigada a uma Inglaterra rival de Napoleão. (BAUVAB, 2001, p. 99-100)

Após várias outras expedições das quais fez parte, Humboldt, devido a sua origem, se vê pressionado a ocupar cargos administrativos na Alemanha, porém, chegou ainda a participar, aos sessenta anos de idade, de uma expedição de nove meses pela Rússia.

Ressaltamos que, a partir de tais expedições, Humboldt se vê diante de um contato com vários lugares do mundo desconhecido, o que lhe permite aplicar os conhecimentos que adquirira durante sua formação nas relações entre a sociedade e a natureza, através de uma estreita associação entre uma base empírica e uma intensa reflexão filosófica, sobretudo no que diz respeito ao juízo da estética, sistematizando um conhecimento e produzindo vários textos eminentemente geográficos, como "A Natureza dos Quadrões" e o seu clássico maior, "Cosmos".

Para interpretação das condições em que Humboldt vai analisar tais conhecimentos, é imprescindível o conhecimento do momento político de sua formação, que se trata do processo de Unificação da Alemanha em torno da Prússia, o qual tratamos no item a seguir.

138

3. O CONTEXTO DA UNIFICAÇÃO DA ALEMANHA

Considerando que as novas demandas econômicas direcionavam os tradicionais Estados Nacionais Europeus a incentivarem a formação de grandes expedições científicas, na Alemanha se encontrava um aspecto semelhante, porém, impar, pois se tratava um momento em que se tentava criar um sentimento de germanidade, fato que teriam fortes relações no que diz respeito à garantia da unidade ao território.

A ausência de um Estado central forte, que defendesse os interesses dos vários Estados Alemães é tida como umas das explicações para o declínio do comércio alemão, pois o contexto era referente ao universo mercantil europeu, basicamente monopolizado pelas **coroas** através das Companhias Nacionais.

Buscando resolver tal problema, o processo de Unificação se inicia em torno da Prússia e sob o comando de Bismarck. Tem-se, então, a solidificação de um bloco histórico reacionário, comandado pelos setores aristocráticos. A necessidade de centralização do poder passa a ser vista com maior clareza pelas diferentes classes do bloco dominante.

Bismarck enfrentou um dilema, pois tinha que considerar uma Alemanha que não fosse nem democrática nem demasiada grande que não pudesse ser tomada pela Prússia. Isso implicava exclusão da Áustria. (BAUVAB, 2001)

O processo de unificação ocorre enquanto se dá a prussianização de toda a Alemanha. Assim o Estado Prussiano vai penetrando em todas as regiões da confederação, subjugando as formas políticas existentes a sua lógica centralizadora, portanto, homogeniza-se a Alemanha tendo por parâmetro a realidade prussiana, daí a necessidade de um sentimento de nacionalismo arraigado que vai, inclusive, legitimar a inclusão da Geografia nos bônus escolares do ensino básico.

Sendo assim, enquanto as nações colonialistas realmente necessitavam de um parecer geográfico de suas áreas conquistadas, a Prússia voltava muito mais os seus olhos para a Geografia relativa a

139

germanidade e via a questão territorial como uma frente estratégica do processo unificador. Portanto, a questão que direcionou todo o desenvolvimento intelectual da Alemanha no século XIX foi a unidade nacional, ou seja, a produção do conhecimento não se desvinculava dos desafios que eram tidos como mais pertinentes à busca pela germanidade por uma aristocracia atrelada aos anseios capitalistas.

No plano da produção do conhecimento, os fatos relacionados ao período anterior ao processo de Unificação da Alemanha, anterior ao período do Romantismo nacionalista se refletiram na formação de uma intelectualidade cercada por um cosmopolitismo que significou uma fonte importadora de tudo de novo que vinha de fora, principalmente da França, o que serviu para que Humboldt pudesse estabelecer contatos com outros pensadores, o que lhe garantiu o caráter eclético de sua obra, conforme Bauab (2001) aponta duas tendências predominantes.

Em primeiro lugar, o que aqui vale ressaltar é o fato de que a grande virtude que vemos em Humboldt é a busca e conciliação das mais diversas filiações filosóficas. Em termos praticamente consensuais, temos a tentativa de se dar unidade para a vasta multiplicação de fatos empíricos através de um critério analítico fornecido pela Filosofia da Natureza de Schelling e busca de fusão de alguns elementos característicos do Romantismo com outros de classicismo que nos foi legado por Goethe...

[...]
De outro lado, temos também revestidas por um teor consensual a presença em Humboldt de ponderações advindas de uma ilustração francesa, de um racionalismo desenvolvido em terras da França e de um caráter enciclopédico dado pelo conhecimento da grande Enciclopédia do Iluminismo, organizada por Diderot. (BAUAB, 2001, p. 112)

140

A partir de tais mudanças nas formas de se produzir conhecimento por parte da intelectualidade alemã, que conforme já comentado se reflete decisivamente na obra de Humboldt, fato que irá garantir a possibilidade da sistematização da Geografia Moderna. Há, portanto, neste período uma mudança na forma de realizar as pesquisas, em que se passa a atribuir muita importância para a experiência concreta, fato que não ocorria na época do romantismo e, consequentemente, o papel das ciências naturais e da técnica atinge um grau de privilégio maior do que das chamadas ciências do espírito.

Ocorreu na Alemanha como um todo, uma diferenciação entre os modos de se conceber o real, diferenciação esta que se fez da época dos românticos um passado, uma falta de atrativos práticos para inserção da Alemanha em um mundo edificado e imbricado em valores de filiseus tão combatidos pelo Romantismo. O mundo não mais precisava ser encantado, pertencente a uma ordem cosmológica revestida pelo constante progresso rumo ao belo, pela destruição criativa rebuscada em um afã de evolução do próprio espírito humano. O direcionar agora dado pela Prússia era típico de aspirações condizentes com o mundo concreto, com uma ciência que antes de especulativa, deveria ter algum fim prático: a consolidação de uma sociedade eficiente diante dos ditames de um mundo capitalista. (BAUAB, 2001, p. 84)

Temos, então, os fundamentos da sistematização do conhecimento geográfico, que serviu para alavancar o modo capitalista de produção e desagregar, definitivamente, os resquícios feudais que resistiam em algumas áreas da Europa, de modo que a construção do pensamento passa por uma transição de uma busca

141

pela contemplação do belo para a busca do real com fins materiais, ou seja, diretos, que pudessem ser instrumentalizados e instrumentalizadores do modo capitalista de produção.

No entanto, seria uma extrema simplificação afirmar que a obra humboldiana é unicamente prática, direta ou, ainda, empirista, pois, como já afirmado anteriormente, Humboldt teve uma formação eclética que se refletiu em sua obra, o que traz uma singularidade especial em seus trabalhos, conforme iremos analisar no item seguinte, onde discutiremos a maneira de produzir ciência em Humboldt, como se concebe a natureza, analisando seu aspecto de pesquisador empírico e seus pressupostos de juízo estético.

4. A CONSTRUÇÃO DO EMPIRISMO E DA ESTÉTICA EM HUMBOLDT

Dado o contexto de formação de Humboldt, este teve contato com diversas formas de pensamento, mas, o contexto histórico do momento de sua produção, foi determinante no direcionamento de sua obra para as ciências naturais, pois o referido autor, possuía grandes conhecimentos de botânica e tinha um grande conhecimento enciclopédico. Fato que, no contexto das grandes expedições científicas nas terras idas como desconhecidas, ou seja, "selvagens", contribuiu para uma descrição detalhada de suas características, reforçando uma importância do conhecimento empírico bastante significativo, pois, como se tratavam de expedições financiadas pelos Estados Nacionais Europeus, que tinham fins mercantis em tal fato, o conhecimento deveria ser revertido em ganhos para os mesmos. Desta feita, o auxílio da instrumentalização técnica foi de grande valia para seus trabalhos de medição, mensuração, catalogação e descrição, bem como a sistematização das mesmas. Porém, Humboldt tinha consciência de que as descrições são resultado de um juízo estético, ou seja, são fruto de representações a cerca de um objeto. Dai afirmamos que a obra humboldiana varia desde descrições de campo até reflexões filosóficas de alto nível.

142

Sua formação inicial em ciências naturais vai sofrer um forte impacto quando, conforme já anteriormente mencionado, passa a frequentar a Universidade de Jena, onde, a partir dos contatos que tem com Goethe e com Schiller, publica alguns artigos que foram posteriormente incluídos no seu livro "Quadros da Natureza", em 1795 (MORAES, 1989). Estas relações garantem a Humboldt uma preocupação com a estética enquanto forma de apreensão do real, ponto de singular importância em suas concepções metodológicas.

Outro condicionante que poderia atuar nos fundamentos filosóficos do pensamento de Humboldt é a influência de sua própria experiência de vida. Como ele foi um viajante, um homem acostumado ao trabalho de campo, cujo prestígio advém em grande parte de obras de levantamento e catalogação sistematizada de variados fenômenos. Essa sólida vivência de viajante naturalista poderia atraí-lo para a senda do empirismo. Entretanto, apesar do respaldo empírico, de sua produção intelectual, o pensamento humboldiano jamais estreita seu horizonte de indagações, jamais abre mão de questões de nível bastante abstrato. Ao contrário, Humboldt critica explicitamente "as pretensões exageradas do empirismo". (MORAES, 1989, p. 88-89)

Portanto, a convivência entre a pesquisa empírica e a reflexão filosófica é uma característica fundamental da produção humboldiana. Desta forma, o empirismo rígido não pode ser encontrado em Humboldt, pois, apesar de naturalista, em sua obra estão presentes preocupações bastante abstratas respaldadas em sólida erudição filosófica. Segundo Moraes (1989) os principais filósofos desde a Antiguidade são citados e discutidos (de Platão a Leibniz) e, também, os historiadores e os literatos (de Homero a Shakespeare).

143

Temos, então, o início de uma Geografia Moderna baseada em bases filosóficas sólidas, pois segundo afirmações de Moraes (1989 e 1995), Baub (2001), Santos (2002), Lencioni (1999), Andrade (1987), Capel (1983) e Vite (2003), podemos vincular a obra humboldiana à construção do pensamento do idealismo alemão pós-kantiano, pois suas reflexões filosóficas descendem de uma discussão da Filosofia da Natureza de Schelling que desce da discussão do juízo da estética de Kant. Porém, tal posicionamento de preocupações em relacionar o empírico à reflexão filosófica não foi posta em continuidade por muitos geógrafos posteriores a Humboldt, fato que veio a empobrecer as análises geográficas em algumas correntes do pensamento Geográfico.

Humboldt faz alusão a estética enquanto campo da filosofia passível de fornecer uma teoria da intuição, logo explicativa da relação sujeito-objeto, conforme se percebe no trecho a seguir:

A ciência é o espírito aplicado à natureza, mas o mundo exterior só passa a existir para nós no momento em que, pela vida da intuição, se reflete em nosso interior.

[...]
A natureza considerada por meio da razão, isto é, submetida em seu conjunto ao trabalho do pensamento, é a unidade na diversidade dos fenômenos, a harmonia entre as coisas criadas, que diferem segundo as formas, a própria constituição e as forças que as animam; é um todo animado por um sopro de vida.

[...]
A natureza não perde seu encanto e a tração de seu poder mágico à medida que começamos a penetrar em seus segredos. (Humboldt apud MORAES, 1989, p. 93)

Percebe-se que a análise da estética em Humboldt, remonta às reflexões de Kant, pois se encontra uma nítida preocupação em se

discutir a faculdade do juízo, ou seja, um debate iniciado em Kant e desenvolvido em Schelling.

Para Kant, na Crítica da Faculdade do Juízo, uma universalidade que não se baseia em conceitos de objetos (ainda que somente empíricos) não é absolutamente lógica, mas estética, isto é, não contém nenhuma quantidade objetiva do juízo, mas somente uma subjetiva; para a qual também utiliza a expressão validade comum, a qual designa a validade não da referência de uma representação à faculdade de conhecimento, mas ao sentimento de prazer e desprazer para cada sujeito.

Considera que a universalidade estética, que é conferida a um juízo, também tem que ser de índole particular, porque não conecta o predicado da beleza ao conceito de objeto, considerado em sua íntima esfera lógica e, no entanto, estende o mesmo sobre a esfera dos que julgam. E, ainda, quando se julgam objetos simplesmente segundo conceitos, toda a representação de beleza é perdida, logo não há regras para o reconhecimento de algo como belo.

Ou seja, para Kant, uma relação objetiva somente pode ser pensada na medida em que, de acordo com suas condições, é subjetiva, numa relação que não se funda sobre nenhum conceito (como a relação das faculdades de representação a uma faculdade de conhecimento em geral – imaginação e entendimento).

A estética em Kant passa pelo juízo de gosto, que permeia a analítica do bom, do belo e do sublime, em que a primeira está relacionada aos conceitos (utilidade - empírico), a segunda, se refere ao deleite (ao que atribui e propicia prazer - "a priori") e a terceira às relações de grandeza, no que toca a natureza, conforme segue:

O verdadeiro sublime não pode estar contido em nenhuma forma sensível, mas concerne somente a idéias da razão, que, embora não possibilitem nenhuma representação adequada a elas, são advindas e evocadas ao ânimo precisamente por essa inadequação, que se deixa apresentar sensivelmente.

A beleza auto-subsistente da natureza revela-nos uma técnica da natureza, que a torna representável como um sistema segundo leis, cujo princípio não é encontrado em nossa inteira faculdade do entendimento, ou seja, segundo uma conformidade a fins respectivamente ao uso da faculdade do juízo com vistas aos fenômenos de modo que estes têm de ser ajustados como pertencentes não simplesmente à natureza em seu mecanicismo sem fim, mas também à analogia com a arte. (KANT, 1993, p. 92)

Portanto, para Kant, o belo da natureza deve ser pensado fora de nós, enquanto que o sublime, simplesmente, em nós. A natureza é, portanto, sublime naquele ponto entre os seus fenômenos cuja intuição comporta a ideia de sua infinitude, sendo que isto somente pode ocorrer pela própria inadequação de nossa faculdade da imaginação na avaliação da grandeza de um objeto.

Segundo Vite (2003), Shelling desenvolvendo a reflexão kantiana chega a constituição da chamada Filosofia da Natureza, que através da intuição intelectual e do idealismo transcendental tem na Obra de Arte a fusão dos conceitos de belo e de sublime, que, conforme ressaltamos, aparecem separados por Kant.

Em Shelling, intuição intelectual aponta a unidade entre sujeito e objeto. Nela, o subjetivo e o objetivo são absolutamente uma coisa só. Isto é, sujeito-objeto, base de toda a representação.

[...] A intuição intelectual tem de ser expandida para além do eu, para o infinito, pois somente assim haverá uma reconexão entre a filosofia-da-natureza e a filosofia transcendental. (VITTE, 2003, p. 20)

Outro autor que aparece como central nas concepções de mundo de Humboldt é Goethe, que é de onde advém sua gnosiologia

146

(que revela a apreensão estética do real) sua ideia de unidade e de movimento, e seu ideal de ciência. Desta influência, decorre um grande traço romântico nas formulações humboldtianas, mas também, uma postura progressista e uma amplitude de perspectiva que o impelle para além do utilitarismo e do pragmatismo. (MORAES, 1989)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, Humboldt, de posse de todo esse arcabouço teórico-metodológico, lança mão de uma Geografia sistematizada que traduz o contexto de sua formação, sendo que mostra uma singularidade a partir do ecletismo, fundindo o aparato técnico de caráter empírico à reflexão filosófica da estética, relacionada aos traços românticos desenvolvidos na Alemanha anterior ao processo de unificação.

Registra os interesses do surgimento de uma ciência que contribua com a consolidação do modo capitalista de produção, que garanta uma apreensão sensível de aspectos relacionados à natureza e sua dominação pelo homem, de modo que esta passa a ser desvendada de acordo com os projetos político-territoriais de uma aristocracia que se reveste no corpo de um Estado Nacional e faz emergir questões relacionadas ao nacionalismo e às estratégias de dominação territorial.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Manoel Correia de. *Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo: Atlas, 1987.
- BAUAB, Fabrício Pedroso. *O Organicismo da Natureza dos "Quadros": um estudo sobre alguns vínculos teóricos que alicerçaram os quadros da natureza, de Alexander Von Humboldt*.

147

2001. 304 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.
- CAPEL, Horácio. *Filosofia y ciência em la geografia contemporânea*. Barcelona: Barcelona, 1983.
- CASTRO, Iná Elias et al. (org.) *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- ESCOLAR, Marcelo. *Crítica do discurso geográfico*. Tradução de Shirley Moraes Gonçalves. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2 ed., 1989.
- _____. *Crítica da faculdade do juízo*. *RJ, Forense*, 2 ed., 1995.
- LACOSTE, Yves. *A Geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra*. 4ª. ED. Tradução de Maria Cecília França. Campinas: Papirus, 1997.
- LENCIONI, Sandra. *Região e Geografia*. São Paulo: Edusp, 1999.
- LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. *Marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. 6ª. Ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- QUAINI, Maximo. *Marxismo e Geografia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia. Pequena História Crítica*. 14ª. Ed. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- _____. *Meio ambiente e ciências humanas*. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- _____. *Gênese da Geografia Moderna*. São Paulo: HUCITEC, 1989.
- MOREIRA, Ruy. *O discurso do avesso. (para a crítica da Geografia que se ensina)*. Rio de Janeiro: Dois pontos, 1987.
- SANTOS, Douglas. *A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
- SODRÉ, Nelson Wernwek. *Introdução à Geografia*. *Geografia e Ideologia*. Vozes, Petropolis, 1997.

148

VITTE, Antonio Carlos. *Contribuição da metafísica da natureza ao desenvolvimento da ciência geográfica*. Mimeo., 2003.

Notas:

¹ Alexander Von Humboldt nasceu no seio de uma família aristocrática, em 14 de setembro de 1769, na cidade de Berlim, no Reino da Prússia. Em função de sua origem social, sua formação escolar foi de grande qualidade. Em 1787 estudou Economia Política na Universidade de Frankfurt-am-Oder. Transferiu-se para Göttingen, onde estudou Ciências Naturais. Nos anos de 1790 e 1791 frequentou a Academia Comercial de Hamburgo, onde ampliou seus conhecimentos econômicos e estatísticos e realizou pesquisas sobre a flora subterânea. Em visitas a seu irmão, na Universidade de Jena, estreita relações com Goethe e com Schiller. Em 1797, após falecimento de sua mãe, Humboldt parte para Paris, onde assiste um curso de Ciências no Instituto de França, frequenta e assiste a Escola Politécnica, o Observatório e o Muséum. Trava contato com Berthollet, Fourcroy, Lavoisier, Curvier, Gay-Lussac, Vauquelin e Arago. A partir de então, dedica-se às viagens de estudos e suas sistematizações, as publicações e aos cargos, junto ao Estado Prussiano. (fontes diversas)

Recebido para publicação em 31 de maio de 2004.

149